

Suplemento Cultural

MARECHAL MALLET EM AQUIDAUANA

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – Professor/escritor, presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Há um renovado prazer quando estou a caminhar nas ruas de Aquidauana, porém uma endógena emoção circunda meus passos quando piso, com extremo carinho, a Marechal Mallet que, com seus quase dois quilômetros de extensão, tem origem na lindíssima Matriz de N. S. da Conceição, atravessa o centro e morre na Chácara Guanandy, do Sr. Totó Rondon. Ali morava, no nº 606, o renomado cronista Heliophar Serra, falecido em 2011, amigo de todas as horas que abraço sempre. Ocupando os espaços da rua, da Matriz aos verdolengos capins da Chácara Guanandy, a alma do heroico Mallet passeia em forma de brisa, na claridade do dia e nas noites auriluzentes de estrelas.

Corri para os livros, afundi-me em horas de pesquisas e o descobri e amei profundamente a sua história.

Emílio Luis Mallet nasceu em Dunquerque, França, no dia 10 de junho de 1801, filho de Jean Antoine Mallet e Julie-Marie Joseph Mallet, ambos franceses. Chegou ao Rio de Janeiro, então capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em 1817, com apenas 16 anos, como emigrado político, assim como seus pais e irmãos, em consequência dos acontecimentos do Império de Napoleão e da Restauração Monárquica na França.

Hoje, quase dois séculos depois, pode-se dizer que a vinda da família Mallet para o Brasil constituiu-se numa ação típica de perfeita integração ao sentimento da nacionalidade brasileira. Sua conduta e atividade na jovem na-



EMÍLIO LUIS MALLET – imigrante francês que fez carreira e galgou a gloriosa patente de Marechal nas fileiras do Exército Brasileiro

ção que o recebeu em seu seio refletem o ideal de um grupo que mudou de terra, não apenas com o propósito de encontrar asilo, mas também com o desejo de contribuir para o seu progresso. E foi o que aconteceu. Ganhou o Brasil. Perdeu a França.

Adaptando-se aos usos e costumes da nova terra, os Mallet sobressaíram-se ocupando posições, sempre destacadas, na sociedade brasileira naquele tempo e nos dias do Império. O jovem Emílio Luis Mallet, caçula do casal francês, iniciou seus estudos em Bruges, Bélgica Francesa, no liceu Deschamps onde,

“

Hoje, quase dois séculos depois, pode-se dizer que a vinda da família Mallet para o Brasil constituiu-se numa ação típica de perfeita integração ao sentimento da nacionalidade brasileira.”

com inteligência, diplomou-se nos cursos de Humanidades e Matemática. Já no Brasil, após o sete de setembro de 1822 (Independência), o imperador Pedro I o convidou para assentar praça como 1º Cadete e, a partir dali, começa uma carreira inteiramente dedicada à sua nova pátria – com 22 anos, um metro e noventa e dois de altura, cabelos castanhos e olhos azuis.

Em 1823, matricula-se na Academia Militar do Império, formado, e foi nomeado 2º Tenente de Artilharia Montada da Corte. A sua primeira experiência bélica ocorreu na Guerra da Cisplatina (1827–1828) assumindo o comando da 1ª Bateria do Corpo de Artilharia Montada das Tropas Brasileiras. Ali adquiriu a tarimba que, daí em diante, não pararia de crescer, mas também de manifestar a bravura que, pelo resto da vida, seria seu apanágio. Este foi não só seu batismo de fogo, mas o início de uma brilhante carreira militar.

Mallet, agora major, na condição de Chefe do Estado Maior da 1ª Divisão do Exército,

foi um dos valorosos defensores das forças imperiais na Revolução Farroupilha que ensanguentou o Rio Grande do Sul durante dez longos anos, de 1835 a 1845. Na Guerra do Prata (1851–1852), o grande Caxias, Comandante Chefe do nosso Exército na Fronteira, ofereceu-lhe o comando do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos. Seu desempenho e sua bravura, à frente do Regimento, lhe valeram elogios e Medalha de Mérito e não tardaria a alcançar louros que o consagrariam o maior artilheiro do Brasil.

Na Campanha do Uruguai (1865), Mallet já era Tenente-Coronel e Comandante das Baterias de Artilharia do Exército Brasileiro.

Na Guerra do Paraguai (1865–1870), Mallet é elevado à patente de Coronel e, no término da campanha vitoriosa, a Brigadeiro. Durante todo o tempo da guerra, a pedido de Caxias, exerceu o Comando Geral das Unidades Integradas da Artilharia do Exército. Em 28 de dezembro de 1878 foi-lhe conferido o título de Barão de Itapevi, pelo Governo Imperial. Logo depois, em 18 de janeiro do ano seguinte, é promovido a Marechal de Campo. No ano de 1884 foi graduado no posto de Tenente-General e, para cobrir-lhe de glória, em 31 de dezembro de 1885, Mallet é considerado promovido a Marechal de Exército, por contar 63 anos de bons e leais serviços prestados ao Brasil.

O Marechal Mallet faleceu no dia 2 de janeiro de 1886. Ele foi condecorado com o título de Patrono da Artilharia do Exército Brasileiro.

Quando você caminhar nas ruas de Aquidauana e pisar na Marechal Mallet, solte um olhar de reverência, de respeito e lembre-se da gloriosa história que acabou de ler.

A bola nº 2

RENATO TONIASSO

A escola primária era humilde e situava-se ao lado da estrada “de terra”, sequer encascalhada, em minúsculo povoado da zona rural, e os dez ou doze meninos que ali estudavam, na hora do recreio, jogavam bola descalços, com uma trouxinha arredondada feita a partir de uma meia enchida com palha ou serragem, em um “campinho” improvisado, onde as traves “do gol” eram feitas com dois tijolos ou pedras dispostos em distâncias adequadas entre si. O suor escorria e a poeira grudava nos rostos e nos pés dos meninos, mas no final do recreio a professora exigia que todos se lavassem em uma bacia, com água do poço da escola, e as aulas recomeçavam, em clima de felicidade. Os alunos estudavam pela manhã e, à tarde, ajudavam os pais nas tarefas familiares. A vida, enfim, era pobre, mas boa, considerados o contexto socioeconômico e a idade em que os seus atores se encontravam.

Um dia, porém, um menino com certa liderança sobre o grupo teve uma ideia e submeteu-a aos demais: que tal se comprássemos uma bola de couro? (o “couro” saiu com um tom mais acentuado, pois uma bola com tal material parecia representar uma atitude de audácia para aqueles meninos que nunca tinham possuído sequer uma bo-

la de plástico ou borracha). Os demais meninos entreolharam-se e responderam: não temos dinheiro suficiente. Ao que o líder argumentou: vamos fazer uma “vaquinha”; cada um dá o que pode, mesmo que sejam algumas moedinhas economizadas na compra de balas, e a gente vê que tamanho de bola dá para comprar (as bolas de couro, ao que se sabia, iam do número 1, a menor, até o número 5, a maior, que seria aquela utilizada nos jogos “profissionais”, dos adultos).

A “vaquinha” foi feita e o líder foi, com a sua mãe, até a cidade, para comprar a dita bola de couro. O dinheiro arrecadado era pouco e “quase” dava para comprar apenas uma bola nº. 2 – um pouquinho maior do que uma laranja grande – pois, mesmo para isso, ainda faltavam alguns trocadinhos. O dono da loja, provavelmente sensibilizado com a situação, deu um desconto na exata extensão do dinheiro que faltava, e vendeu a bola para o menino. A volta para casa foi triunfante e, melhor ainda, a apresentação da bola aos demais sócios no início das aulas do dia seguinte. Naquele dia, o jogo foi muito animado, embora os jogadores representassem quem chutasse a bola com muita força e de “bicuda”, pois isso poderia fazer com que a mesma viesse a se chocar com algum objeto pontiagudo e sofrer um furo ou rasgo. O perigo era presentido por todos. Inobstante essa preocupação, a alegria era geral e o índice de falta às aulas caiu muito após a compra da bola. No final do recreio, a bola era cuidadosamente entregue para a

professora, que a guardava em um armário da escola.

Passados mais ou menos dois meses da aquisição, e a bola já se encontrava um pouquinho murcha, pois o dinheiro arrecadado não dera para adquirir a bombinha com o bico, necessários para inflá-la através da injeção de ar na sua câmara; mas os meninos jogavam mesmo assim, à espera de que alguém se dispusesse a resolver o problema.

Pois não é que um dia, durante o jogo, um menino chutou a bola para o meio da estrada que margeava o “campinho”, bem no momento em que por ali passava um caminhão Ford F-600, “dos grandes” e com pneus em duplicidade no rodado traseiro. O caminhão trafegava a baixa velocidade e a bola rolou entre os seus rodados dianteiro e traseiro, sem que o motorista se apercebesse. O coração dos meninos apertou-se na esperança de que a mesma escapasse ilesa, de volta, para eles, mas não foi bem isso o que ocorreu: até porque se encontrava murcha, a bola entrou no espaço existente entre os dois pneus de um dos lados do rodado traseiro do caminhão e ali ficou presa. Como o motorista não se apercebera dos fatos, prosseguiu viagem e os meninos ficaram olhando a bola ir-se embora, até que o caminhão desapareceu ao longe, em uma curva da estrada. A bolinha aparecia a cada volta do rodado do veículo, e aquela cena, como um caleidoscópio de matizes de uma cena de angústia, provavelmente ficou gravada na memória de cada um deles. A perda de bola foi uma das suas primeiras grandes perdas.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

1. A PRESIDÊNCIA DA ASL E GOVERNADORIA DE MS CONVIDAM PARA INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO SODALÍCIO – A Sessão Solene de inauguração da nova Sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras acontecerá no próximo dia 25 de agosto/2017 (sexta-feira), às 19h30min, no prolongamento da Rua 14 de Julho, nº 4.715 – São Francisco. Sejam bem-vindos!

2. RUBENIO MARCELO E ELIZABETH FONSECA INTEGRAM ENCONTRO LITERÁRIO NA UEMS – A convite da organização do “I Encontro da Produção Literária de Mato Grosso do Sul” (I EPLMS / UEMS), os poetas acadêmicos Rubenio Marcelo e Elizabeth Fonseca ministraram palestra no auditório da Universidade Estadual de MS e integraram mesa de discussão acerca da

literatura, para professores e alunos universitários de Letras que lotaram o evento. Rubenio Marcelo discorreu sobre o tema “A Vitalidade da Poesia Contemporânea”, e Elizabeth falou sobre a sua obra poética e declamação. Ao final responderam perguntas e interagiram com o público. O importante Encontro aconteceu nos dias 14 e 15/08 p.p. – sendo que o primeiro dia foi dedicado à poesia e o segundo à prosa.

3. PAULO NOLASCO COORDENA SIMPÓSIO TEMÁTICO NA UERJ – O acadêmico Paulo Nolasco (prof. da UFGD) foi um dos coordenadores do Simpósio “Interculturalidade e outras textualidades: vozes na fronteira”, que aconteceu no XV Congresso Internacional da Abrialic (Associação Brasileira de Literatura

Comparada), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, de 7 a 11/08. Este simpósio, que foi proposto por Nolasco e coordenado em parceria com os professores Lourdes Kaminski(Unioeste) e Jose Antonio de Souza (UEMS), procurou reavivar no cenário contemporâneo a dicção fronteiriça derivante de outras práticas culturais, que, nasceram em um mundo de fronteira reclamam, necessariamente, um estilo fronteiriço. O objetivo central foi o de reunir trabalhos que verificassem, a partir de diferentes textualizações dos mediadores literários e culturais, a interculturalidade de vozes fronteiriças que permeiam o lugar da cultura na região e no subcontinente latino-americano. Para sua execução contribuíram exemplarmente os trabalhos de vários pesquisadores do MS, vindos da UFGD, da UEMS, da UFMS, do IFMS/UPM, e também da UFMT, UEM, UNILA, UNIOESTE, UNEMAT, PUC-RS, UERJ.

POESIAS

CAPRICHOS DO TEMPO

Estrela supernova, luz primeira
De primeva galáxia de era prima...
Ei-la, botão-criança, a eterna rima
Deste poeta com a sorte sorradeira.

Pois, eu maduro, nos marcou a sina
De amar-nos com tal fé e tal maneira,
Que nada nesta vida fez barreira
Entre um quase-ovovô e a flor-menina!

Porém, a tradição mata a esperança:
Por leis convencionais é grave insulto
Um “coroa” se unir a uma “criança”...

...Mais passa o tempo e a gente se ama mais...
Porém, ao nosso amor não há indulto:
Ela é moça e linda – e eu, velho demais!...

GERALDO RAMON PEREIRA

DE AZUL DEVE SER O SONHO DOS PARDAIS...

há um ardor
e uma dor
em cada pedra
e em cada ruflar de asas...

há o mesmo reino
entre uma formiga
e um morcego
e uma gaivota
mas não há
a mesma melodia nos faróis
quando os mares ofertam
às tardes os mesmos mistérios

antes de entender o sol
de azul deve ser o sonho dos pardais...

a poesia
é dor e sal
é dorsal...
leva ao dorso do infinito
o pulsar do girassol
que estava em decúbito...

nenhuma sombra
assombra o silêncio das pedras aladas...

RUBENIO MARCELO
(poema do seu livro ‘Vias do Infinito Ser’, recentemente lançado)